

ARTIGOS

O ESTÁGIO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: E A VIOLÊNCIA COM ISSO?

Ana Carolina Reis Pereira¹

Áurea M. Guimarães²

Introdução

Nosso objetivo neste artigo é relatar a maneira como licenciandos, oriundos de diferentes áreas do conhecimento, desenvolveram seus projetos de estágio sobre a temática da violência, no programa da disciplina Estágio Supervisionado I, durante o segundo semestre de 2015, na Faculdade de Educação da Unicamp. Antes, porém, gostaríamos de explicitar o que significa para nós o estágio enquanto processo de formação docente.

Entendemos que além de dominar os componentes específicos de sua área de conhecimento, deve-se oferecer aos estagiários possibilidades de ampliar seu diálogo e suas ações para além da especificidade da sua formação e da sala de aula. Na Faculdade de Educação, os docentes envolvidos com a disciplina de estágio nessa perspectiva, compreendem que essa é uma forma de ampliar a atuação política do professor, desenvolvendo conteúdos pensados em termos de sua relevância social, histórica, política, educacional. Ao mesmo tempo que trabalhamos com a forma como as diferentes áreas interrogam as situações educativas, escolares ou não, priorizamos o conhecimento que vem do campo de estágio, considerando-o como um “espaço de escuta” (BAGNATO e GUIMARÃES, 2015, p. 61).

O tema da violência na formação dos professores

Com o objetivo de nos aproximarmos dessa temática, elaborei um projeto de estágio no qual os licenciandos pudessem interrogar as situações de violência em seus campos de estágio, priorizando, numa atitude de escuta, o conhecimento, as práticas e ações vindas desses campos.

Neste sentido, o Estágio Supervisionado ministrado juntamente com Ana Carolina Reis Pereira (do Programa de Estágio Docente), desenrolou-se em três momentos: 1º) nos encontros coletivos realizados na universidade, quando foram debatidos textos teóricos sobre o tema da violência escolhidos a partir de questões elaboradas pelos alunos no primeiro dia de aula e que problematizaram o tema da violência e da educação, escolhendo e comentando reportagens, charges, fotografias expostas em sala³; 2º) nos campos de estágio. A partir de uma parceria com

¹ Universidade Estadual de Campinas.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ Constam desta nota: questões feitas pelos alunos, sua organização por eixos temáticos e a indicação dos textos escolhidos pelo orientador de estágio e pela PED:

- Quais são as configurações sociais contemporâneas que geram violência? Por que observamos uma ascensão do conservadorismo no Brasil, na última década? Eixo temático: *As configurações sociais contemporâneas que geram violência e a ascensão do conservadorismo no Brasil, na última década* (textos: CHAUI, 1980 e 2011);

- Que tipo de relações são mantidas entre professor e aluno? Como reagir a um abuso de autoridade? Como lidar com as diferentes realidades específicas de um grande número de alunos na sala? Eixo temático: *Relações entre professor e aluno. Abuso de autoridade e diferenças em sala de aula* (textos: AQUINO, 1998; DAYRELL, 1996);

- Como lidar com situações de extrema violência na escola? Como “retroceder” a esta situação de violência dentro da sala de aula? Como lidar com opressões e preconceitos em geral? Como professor, o que fazer para combater

o corpo pedagógico da escola, os estagiários discutiram, planejaram e desenvolveram um projeto de estágio referente à temática da violência que foi acompanhado pelos supervisores de estágio, nas instituições de ensino, e pelo orientador de estágio, na universidade, na fase de planejamento, execução, finalização e avaliação; 3º) nas supervisões que ocorreram na universidade.

O processo de construção e execução dos projetos de estágio nas escolas

Nosso intuito aqui é contar como se deu o processo de construção e execução desses projetos nas escolas onde foram desenvolvidos, apresentando as potencialidades que sinalizam para o ato educativo como o centro da ação e da reflexão do estágio.

Inicialmente solicitamos aos estagiários que conversassem com os gestores, professores e alunos, perguntando a eles quais violências consideravam presentes na escola, como lidavam com os conflitos considerados violentos, quais os desdobramentos na relação entre alunos e professores e que tipo de obstáculos ofereciam ao trabalho docente. De posse dessas informações, foram realizados momentos de observação em todos os ambientes por onde circulavam alunos, professores e funcionários, como também, em alguns casos, foram aplicados questionários dirigidos a alunos e professores. Essas atividades nortearam a construção dos projetos de estágio e as propostas de intervenção nas unidades escolares nas quais os alunos estagiaram.

Os seis projetos desenvolvidos em uma das turmas de licenciatura, no decorrer do segundo semestre de 2015, apresentaram estratégias metodológicas bastante diversas entre si em função das especificidades atinentes ao desenvolvimento dos temas e do perfil dos públicos-alvo. No que se refere ao fenômeno da violência, os projetos expuseram situações relacionadas ao (des)respeito e à negação do outro, expressa por meio de agressões verbais, intimidações, humilhações, chacotas, e que no limite, obstaculizam ao outro o pleno exercício dos seus direitos, bem como o seu desenvolvimento. Como se tratam de atitudes de falta de respeito à alteridade e à negação de direitos, qualidades indispensáveis para construção de uma cultura de respeito recíproco e ao pleno exercício da cidadania, as questões relativas ao racismo, às diversidades de gênero, orientação sexual e religião, foram analisadas enquanto “incivilidades” ou “microviolências” (DEBARBIEUX, 1997) e abrangeram as seguintes temáticas: - *Estereótipos de gênero: respeito e desrespeito no espaço escolar*: discussões em pequenos grupos auxiliaram no levantamento de associações traçadas pelos alunos e no mapeamento dos estereótipos produzidos e reproduzidos pela mídia, tendo em vista a desconstrução de noções estereotipadas através de perguntas geradoras de debate e de apresentação de vídeos; - *Diferenças no espaço escolar e as questões referentes a religião, sexualidade e racismo*: cartazes elaborados pelos alunos explicitaram as diferentes formas de violência presentes no cotidiano escolar - *Desigualdades, violências e sociabilidades: um estudo sobre gênero no ambiente escolar*: rodas de conversa foram estimuladas por músicas do repertório dos alunos e um texto acerca de suas reflexões foi produzido pelos alunos. Outros projetos trataram mais especificamente de comportamentos tidos como

a violência dentro da escola? Por que os professores são vistos como opressores? E, se sim, por que são agredidos frequentemente no Brasil? Eixo temático: *Violências na/da escola* (textos: CHARLOT, 2002; ITANI, 1998; SCHILLING, 2008);

- Para que serve a escola? Para quem serve a escola? Qual o mercado que ela procura atender? Como a violência pode estar presente nas práticas pedagógicas, no currículo? Eixo temático: *Violência no/do currículo: a relação da escola com o saber e com o mercado* (textos: LEÃO, 2006; SANTOMÉ, 1995);

- Que consequências a redução da maioridade penal acarretaria para as escolas, caso fosse aprovada? Eixo temático: *Redução da maioridade penal* (texto: PATTO, 2007 como também notícias, artigos e sites sobre o tema).

indisciplinados, interferindo no processo educativo de modo a gerar tumulto, objeção em realizar as tarefas propostas e atitudes de falta de respeito às figuras de autoridade (AQUINO, 1996). Assim, os projetos que trataram mais especificamente de um convívio interpessoal conflitivo, cuja ocorrência se deu em sala de aula, foram abordados nesse tópico, abrangendo os seguintes temas: - *As máscaras pessoais dentro do coletivo e suas implicações nas relações conflituosas em sala de aula*: elaboração coletiva de uma peça de teatro em que os alunos sentiram-se incentivados a repensar atitudes no que concerne às situações conflituosas relacionadas ao cotidiano escolar e às estereotipias sociais; - *Relações de ensino intermediadas pelas novas tecnologias*: entrevistas semi estruturadas com professores novos e antigos de casa com o objetivo de conhecer suas iniciativas quanto ao uso das TICs, a maneira como avaliavam o comportamento e o aprendizado dos alunos nesse contexto das novas tecnologias, entre elas, o uso do celular em sala de aula; jogo de “caça ao tesouro” no qual os alunos reunidos em grupos deveriam buscar informações em seus celulares, em cada etapa do jogo. Um outro projeto, denominado – *Os sentidos do tempo no Programa de Ensino Integral*, caracterizou-se por sua especificidade em relação aos demais, uma vez que as atividades iniciais de observação na escola, apontaram para a necessidade de se compreender a percepção e o uso dos tempos dos alunos no âmbito de implementação do Programa de Ensino Integral (SÃO PAULO, 2013). Os estagiários escolheram o jogo “dixit”, também denominado de Imagem-Interpretação, ou “tabuleiro da imaginação”, através do qual os alunos da escola compuseram um baralho imagético que serviu de estímulo para gerar interpretações subjetivas acerca do modo como percebem o tempo e se relacionam com ele.

Considerações finais

Ao problematizar as violências presentes no cotidiano das instituições educativas, estagiários(as), supervisores e orientador de estágio puderam conhecer melhor o campo de estágio como também os conflitos no entendimento das pessoas que estudavam e trabalhavam na instituição. Experiências foram compartilhadas e ainda que os estagiários tenham criticado a restrição do tempo em campo, impedindo a continuidade do projeto, um aspecto merece ser ressaltado, o de que os(as) alunos(as) das escolas sentiram-se contemplados na possibilidade de expressarem suas opiniões, de serem ouvidos e de ouvirem outras vozes, diferentes das suas.

Concluimos que os projetos apresentados têm em comum a compreensão de que o reconhecimento e o respeito ao pluralismo devem ser abordados na escola, por se constituir enquanto um local privilegiado para o aprendizado da convivência, e assim fazendo, estará contribuindo para desenvolvimento de práticas de respeito às diversidades e combate às desigualdades, aprendizado para a vida toda.

Referências

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____. (Org.). *Indisciplina na escola*: alternativas teóricas e práticas. 16. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

_____. Ética na Escola: a diferença que faz a diferença. In: _____. (Org.) *Diferenças e Preconceito na Escola*: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p. 135-151.

BAGNATO, M. H.; GUIMARÃES, A. M. Formação de professores e o Deprac: Departamento de Ensino e Práticas Culturais. In: ROSA, M. I. P.; ZAN, D. D. P. (Org.). *O campo da educação nos currículos das licenciaturas: princípios e práticas*. Editora Navegando, Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2015. Disponível em: <<http://www.editoranavegando.com>>. Acesso em: 07/07/2016.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Interface. Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez. 2002, p. 432-443.

CHAUÍ, M. “A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo”. *Almanaque. Cadernos de Literatura e Ensaio*, Brasiliense, n. 11, 1980, p. 16-24.

_____. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2011. (especialmente, o capítulo: Ética, Violência e Política, p. 340-367).

DAYRELL, J. A. Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, J. (Org.) *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, p. 136-161.

DEBARBIEUX, E. La violencia en la escuela francesa: análisis de la situación, políticas públicas e investigaciones. *Revista de Educación*, Madrid, n. 313, p. 79-93, 1997.

ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, J. G. *Diferenças e Preconceito na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998, p. 119-134.

LEÃO, G. M. P. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan./abr. 2006.

PATTO, M. H. S. Escolas cheias, cadeias vazias: notas sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. *Estudos Avançados*, n. 21 (61), p. 243-266, 2007.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995 (Coleção estudos culturais em educação), p. 159-177.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Diretrizes do Programa Ensino Integral*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

SCHILLING, F. Violência nas Escolas: explicitações, conexões. Série *Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos*, v. 4, Paraná, Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED, 2008, p. 13-19.

Sobre as autoras

Ana Carolina Reis Pereira é graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Mestre em Educação pela mesma Instituição. Atualmente, é estudante do curso de Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: carolina-reis@hotmail.com.

Áurea M. Guimarães é professora da Faculdade de Educação da UNICAMP, no departamento de Ensino e Práticas Culturais, pesquisadora do grupo VIOLAR: Laboratório de Estudos sobre Violência, Cultura e Juventude.

E-mail: guima@unicamp.br.